

Resenha

História da sexualidade revisitada: “queering” a leitura de Michel Foucault

Por Karla Bessa¹

HALPERIN, David². *Saint Foucault*. Towards a gay hagiography. New York: Oxford University Press, 1995.

Nenhum sujeito é seu próprio ponto de partida
(J. Butler)

Michel Foucault e os volumes por ele escritos (bem como entrevistas, aulas e palestras) sobre a história da sexualidade arrebanhou uma gama imensa de seguidores e opositores, em âmbito internacional. David Halperin³, professor do Departamento de Literatura Inglesa da Universidade de Michigan, tornou-se um helenista conhecido no meio dos estudos feministas e queer, por meio de seu empenho em retomar a história da sexualidade e em especial, da homossexualidade. Seu livro *One hundred years of homosexuality and others essays of Greek homosexuality* causou tanta polêmica que pouco tempo depois ele decidiu escrever um texto quase na forma de “resposta” às críticas de que teria transformado Foucault no seu “mestre” e o seguido acriticamente, incluindo e incorrendo nos mesmos “desvios” históricos.

¹ Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia – UFUMG.

² Em certa medida, esta resenha inclui também reflexões posteriores do mesmo autor, localizadas no livro: HALPERIN, David. *How to do the history of homosexuality*. The University of Chicago Press: Chicago and London. 2002.

³ Além de autor de vários livros, Halperin dirigiu o “The lesbian and gay Studies reader” (1993) e participou como co-editor, até 2004, de uma dentre as mais importantes publicações no interior destes estudos, a revista GLQ: A journal of lesbian and Gay Studies.

Saint Foucault⁴ foi um livro escrito, segundo o autor, sob um ânimo de cólera⁵, pois teria sido um momento no qual a política reaganista (presidente R. Reagan) provocara o retorno ao moralismo e monoculturalismo estadunidense, criando empecilhos burocráticos e disseminando práticas discriminatórias dentro e fora do ambiente acadêmico, numa forma bastante reacionária de contraposição às lutas e conquistas dos movimentos e estudos feministas, negro, gay e lésbico. Parcela da população estadunidense estava chocada com as críticas à família patriarcal heterossexual como parâmetro único de conjugalidade, com a liberdade sexual, a reivindicação de legalização do aborto – para se mencionar algumas das mais polêmicas e que não ficaram apenas do lado de fora das pesquisas “científicas”, mas invadiram também o centro das preocupações de algumas ciências humanas e sociais, bem como de outros ramos da ciência, como a biologia, genética e a própria história da ciência.

Halperin chama atenção para o contexto político do momento de sua escritura, citando a reação da extrema direita intelectual, presente nos grupos privados de grandes universidades do seu país, que se apropriaram do termo, cujo uso “original” era irônico, “political correctness”, para dizer que a esquerda queria impor um critério universal do que seriam condutas tidas como “corretas”. Então, foi neste *clima* de interlocução com o que ele acreditava ser um uso perverso das próprias divisões internas entre os esquerdistas que ora pertenciam a tradições mais longínquas de atuação política branca, marxista, ou ex-marxistas, que incorporavam em alguma medida a luta também dos negros, mas viam com desconfiança e às vezes aversão, as lutas dos mais “jovens”, que haviam participado ou

⁴ O autor brinca com a “santificação” de Foucault, crítica que teria recebido de outros estudiosos da sexualidade.

⁵ Esta expressão consta no prefácio à edição francesa, que fora traduzida por Didier Eribon em 2000 e incluída na edição argentina publicada também em 2000, Córdoba, Cuadernos de litoral. Edelp. No Brasil ainda não temos nenhum texto do autor traduzido.

se inspiraram nos acontecimentos políticos pós-guerra do Vietnã e dos movimentos de contracultura que colocavam na ordem do dia o *status* de político a questões como subjetividade e estética. Então, menos preocupados com lutas contra o “capital”, o Estado, Igreja e outras instituições que centralizariam e imprimiriam as formas e exercícios de poder, deslocam sua agenda de reivindicações e intervenções sobre as formas de constituição, afirmação e difusão de identidades culturais, representações e produções de bens simbólicos. A perspectiva que se abria era de indagação sobre como damos sentido e excluimos, cotidianamente, imagens, gestos, palavras, corpos, indumentárias, saberes que não se conformam dentro dos parâmetros da normalidade tolerada. Detive-me longamente neste prefácio por entender que, no Brasil, tivemos uma leitura muito enviesada do que ficou conhecido como movimento do “politicamente correto”. Ficamos com o lado pejorativo e deturpado do que política e filosoficamente estava em questão quando se problematizava o peso da linguagem e das atitudes dissimuladas e evasivas como formas de assédio e perpetuação de práticas normatizadoras. Estavam na mira as instituições de produção e difusão de conhecimento, ou seja, a academia (assim como o ensino básico) por participar ativamente da produção de verdades sobre os modos de vida e condutas humanas e sistematizar, procurando uma razão universal para a racionalidade do processo civilizador à moda ocidental, ou seja, em especial, disciplinas como História, Antropologia e Sociologia se viram questionadas por legitimar através de seus discursos e pesquisas preconceitos sociais. De todo este movimento, o que ganhou visibilidade na mídia e nas análises fora dos EUA foram os “excessos” do politicamente correto, as violências em nome das lutas identitárias, o crescimento da auto-vigilância, a manutenção às avessas das estruturas de exclusão.

Uma leitura atenta dos problemas enfrentados por Halperin nestes dois livros aqui resenhados ajuda-nos a entender que a reverberação do que ocorria em termos de disputas acadêmicas e políticas foi mais próxima da leitura que ele considera reacionária e

conservadora, incluindo intelectuais europeus, que contribuíram em larga medida para difundir tal interpretação e minimizar o potencial político dos novos embates políticos e culturais que colocavam também em questão os jogos de poder do saber. Ou seja, junto com a indagação sobre o que pensar (quais seriam nossos “objetos” de pensamento), colocava-se como de extrema relevância questionar o nosso *modo* de pensar, a espessura do próprio pensamento.

No meio do movimento e dos estudos gays e lésbicos, Foucault era ao mesmo tempo um autor muito lido e questionado. Mohr, filósofo a quem Halperin praticamente dedica o título do trabalho, acreditava que o construcionismo atribuído à homossexualidade era fruto de uma fé, uma atitude de subserviência acrítica aos postulados foucaultianos sobre a sexualidade. Ele propunha, então realizar uma análise e não uma hagiografia da homossexualidade “a la Foucault.” Como resposta bem humorada, Halperin utiliza exatamente esta crítica para mostrar que sua análise da homossexualidade e de como percebe os vínculos entre Foucault e os estudos queer não são pura e simplesmente um ato de fé. A postura de Halperin não é de defesa do construcionismo, ou seja, de conceber a homossexualidade como produto de práticas culturais de forma determinista (ou seja, o determinismo cultural). Halperin também não retoma a diferença sexual (dimorfismo) como ponto de partida das demais formas de identidades sexuais, que seriam ordenadas, hierarquizadas e distingüidas no interior dos embates culturais, nas maneiras como o normal/anormal jogam o incluir/excluir das identidades. Em outras palavras, ser um construcionista, como já nos alertou Linda Nicholson, não é apenas argumentar “que a sociedade teve alguma participação num determinado resultado”. A radicalidade desta postura estaria em desqualificar o corpo como ponto de partida para a maneira como simbolizamos o masculino e o feminino e nos comportamos em relação a isso. Para alguns autores, o corpo seria como um “cabide”, passivo em relação às “roupagens” culturais que lhes lançamos.

Como escapar ao mesmo tempo do fundacionalismo biológico e do construcionismo cultural? Inicialmente, procurando uma via que

não pretenda pensar a sexualidade através da identidade, seja ela fundada no biológico ou no cultural. O termo queer, ou, a política queer, segundo o autor, seria um diferencial importante daquilo que até então havia sido o eixo de mobilização do pensamento/ação gay e lésbica e mesmo feminista. Embora o termo queer tenha sido inicialmente empregado de forma homofóbica para se dirigir a homossexuais em geral, sua reapropriação provocou um deslocamento importante, por ser uma espécie de diagonal nas lutas pelo “orgulho gay”, que reivindicava um lugar ao sol, demarcando identidades extremamente essencializadas. Queer em português seria uma objetivo ou pessoa ou ato “estranho”, fora da normalidade, mas o que mais intriga no termo é que ele não traz consigo um conteúdo pré-demarcado para o estranhamento. Aliás, o “estranho” é justamente aquele ao qual ainda não temos uma “etiqueta” já elaborada para nomear, diferente do termo gay ou homossexual, que já vem carregado de conteúdos de “estilo de vida”, opções sexuais, uma agenda de reivindicações e/ou uma agenda de palavras, dependendo do interlocutor e do locutor.

No entanto, fica bem claro na exposição de Halperin que a política queer não é um abandono de qualquer referência a processos de identificação. Assim, não foi uma contradição ou um “ato falho”, que fez com que, logo no início de Saint Foucault, Halperin mencione o lugar de onde fala (referindo-se à sua *gayness* ou *gaycidad* como foi traduzido no castelhano) e deixa bem claro que esta *situação* não condiciona o seu discurso enquanto acadêmico, não lhe dá nenhum privilégio epistemológico. Porém, é uma condição que partilharia com Foucault, ou seja, uma “relação controversa e inevitável com a política sexual da verdade”. Portanto, não é um lugar desinteressado. Pelo contrário, é um lugar de vulnerabilidade, dadas às controversas acusações sofridas por ambos no próprio meio acadêmico.⁶

⁶ Halperin refere-se sobretudo à biografia que James Miller fez, *La pasión de Michel Foucault*, na qual estabelece relações, melhores significações para interpretar a obra de Foucault com referências às experiências próprias de sua vida privada. Halperin considerou “odioso” o projeto personalista de tal biografia que transformou o significado político das práticas sexuais de Foucault em sintomas de uma *patologia pessoal*.

Dividido em duas partes, Saint Foucault não pretende resumir ou aclarar o pensamento de Foucault sobre a sexualidade, mas pensar as aproximações e diferentes apropriações que foram feitas e que ainda são possíveis de se fazer para pensar a “cultura gay e lésbica”, unindo nisso uma análise do que representou principalmente nos EUA, o “efeito foucault”. Nesse sentido, o que mais atrai no livro de Halperin é menos o que diz sobre a noção foucaultiana de poder e, conseqüentemente, a mudança na perspectiva do que seriam práticas de resistência e noções de liberdade, mas como isso escandalizou certa ala da esquerda estadunidense, em especial, filósofos e críticos e os estudiosos da sexualidade e propositores de políticas sexuais ou de identidades sexuais. A crítica foucaultiana aos efeitos de “reforço” às práticas políticas dominantes daquilo que considerávamos “revolução sexual” provocou um repensar drástico sobre o que entendemos por “emancipação”. Na primeira parte do livro, tomamos contato com as reações de autores que atuavam na academia (americanos ou não) quando da tradução de “A vontade de saber”, volume I da História da sexualidade para o inglês. Contém ali comentários sobre Edward Said, Peter Dews, Charles Taylor, Keith Gandal, Judith Butler, dentre outros, que ora objetaram ora articularam a visão foucaultiana à suas próprias pesquisas e entendimento político. Sua grande questão nesta parte é pensar o que os militantes/pensadores gays viram em Foucault que os críticos *straight* não perceberam. Assim, o autor retorna às diferentes frentes de luta em torno da AIDS, ao movimento pela “saída do armário” como ato que visava romper com o imperativo imposto aos gays de viverem escondidos em pseudo-proteção contra constrangimentos desnecessários, para não mencionar as violências explícitas. Onde Foucault entraria nessa dinâmica? Halperin destaca o tratamento político de Foucault ao discurso, à economia política do discurso sexual, pois permitia “desenvolver estratégias efetivas para confrontar e resistir às operações discursivas da homofobia contemporânea” (HALPERIN, 1995, p. 52). Mas a “tarefa” de Foucault foi além: desnaturalizar e politizar a sexualidade tornou necessária uma crítica contundente aos esforços da

ciência para “explicá-la” como um objeto dado e definir os parâmetros que fundamentariam a estabilidade e singularidade para o fenômeno anormal da homossexualidade.

O pensamento queer, tal qual o considera Halperin, possui esta sintonia com a desnaturalização da sexualidade, na medida em que para a política queer não é apenas a homossexualidade que participa das lutas históricas e simbólicas, mas também os parâmetros que atribuímos à heterossexualidade, à transexualidade, e a outras tantas formas possíveis de constituição de identidades que não passem pelo binarismo hetero X homo.

À primeira vista, há um certo *status* de vanguarda auto-atribuído pelos “queers” em relação a se diferenciarem de identidades assimiladas (afirmativa ou negativamente), estandardizadas seja pelo movimento gay e lésbico ou pelo mercado que surgiu junto com o crescimento da visibilidade gay na cultura contemporânea. No entanto, considerando as devidas proporções, o termo queer já no seu nascedouro não ficou isento de “assimilações” e de uma certa massificação pela mídia e pelo mercado, atentos às novas “modas”. Sair do “jogo” também não era a pretensão, mas o era criar uma maneira de existir menos massificada e menos comprometida com estruturas identitárias. Ou seja, na ética queer poupa-se energia política de lutas por direitos jurídicos, para dispor tais energias na “invenção” de novos modos de vida e de prazer. Busca-se (des) sexualizar as identidades, para abrir as portas a novos mapas eróticos do corpo, (des) virilizar e, assim, escapar das rédeas do falocentrismo que orienta não só as práticas normatizadoras da heterossexualidade como também de parcela da comunidade gay e lésbica.

Se não é possível encontrar a verdade sobre o sujeito “gay”, é inevitável contestar as vãs tentativas de emparedar o pensamento de Foucault à leituras psicanalíticas de suas preferências sexuais, suas taras e perversões e à maneira como problematizou e escreveu a história da sexualidade. No último capítulo do livro, Halperin traz para o debate alguns dos mais renomados biógrafos de Foucault, Didier Eribon, D. Macey e James Miller. No diálogo com os diferentes aspectos da vida de Foucault, levantados

nestas biografias, Halperin esforça-se para desfazer o que ele entende ser um olhar ideológico sobre sua sexualidade, muitas vezes marcado por uma forma moralista de fazer a genealogia de suas obras a partir de sua vida e morte. As experiências de Foucault em San Francisco, os textos e entrevistas dedicados a pensar a *novidade* de lugares de produção coletiva de novas práticas eróticas, sado/masoquistas, por exemplo, e sua morte com a doença dos “gays”, AIDS, foi lida por muitos como forma de deslegitimação de seu pensamento e de tentativas de restauração do que seria normal e patológico.

Então, havia, de um lado, a AIDS e todo o imaginário moralista a ela agregado, com a proibição legal ou simplesmente moral de práticas como sexo anal e oral, e a desumanização e violenta aceitação de pessoas abertamente praticantes ou simpatizantes destes grupos. De outro lado, estava parte da militância gay com exacerbada atuação, e às vezes violentas reações, cujo eixo de reivindicação era o de serem incorporados à sociabilidade e não mais serem tratados como parias. E, paralelamente, havia Foucault, vivendo tudo isso sem se comprometer com a agenda do movimento gay, o que parecia a estes um grande paradoxo. O argumento de Halperin, no entanto, é de que Foucault transitava justamente por uma filosofia política e ética queer, antes que o termo fosse conhecido, com essa conotação, pelo próprio Foucault.

Saint Foucault é, no rol dos inúmeros livros que revisitam e rediscutem a escrita-vida foucaultiana, um balanço denso de como Foucault foi lido, interpretado e apropriado por diferentes estratégias discursivo/políticas nos Estados Unidos. Isso talvez explique o sucesso de sua tradução na França, terra natal de Foucault, mesmo sem se tratar de um exercício de leitura filosófica do autor.